

Pesquisas narrativo-dialógicas no contexto de conflito com a lei: considerações sobre uma entrevista com jovem autora de infração¹

Idilva Germano

Doutora em Sociologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

End.: R. Monsenhor Catão 948, apto. 302. Fortaleza-CE. CEP: 60.175-000.

E-mail: idilvapg@ufc.br

Letícia Leite Bessa

Mestre em Psicologia (Universidade Federal do Ceará). Professora do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

End.: Av. Santos Dumont, 6911, apto.302, bloco D. Fortaleza-CE. CEP: 60175-057.

E-mail: leticialeitepsi@yahoo.com.br

Resumo

Neste trabalho discutimos as concepções de dialogismo e polifonia desenvolvidas por Bakhtin no campo literário, bem como formulações inspiradas em suas reflexões, aplicadas ao campo da pesquisa em ciências humanas, especialmente na psicologia. O objetivo é esboçar a perspectiva dialógica no campo do romance polifônico (Bakhtin,

1936/2008) e no contexto dos estudos do self e da identidade narrativa (Hermans, 1996, 2001), discutindo suas implicações para a compreensão da narrativa autobiográfica produzida por uma jovem egressa de medida sócio-educativa. A partir da análise do relato, identificamos os efeitos de sentido produzidos na interação entre pesquisadora e entrevistada, bem como o repertório de posições pessoais da narradora. Observou-se que o emprego da Entrevista Narrativa (Schütze, 1992), em que se recomenda ao entrevistador não fazer perguntas diretas, criou uma situação de intercâmbio simultaneamente cooperativo e conflituoso, cujo processo pode ser entendido à luz das formulações dialógicas. Como espaço intersubjetivo assimétrico, o processo da entrevista tornou visíveis as estratégias de enfrentamento e negociação do poder entre as partes; a jovem protestou contra as regras da entrevista, solicitou perguntas mais explícitas e sugeriu alterações nas regras, insistindo no modelo convencional de entrevista. Compondo o espaço de interação da entrevista, observaram-se os macro-contextos que marcaram a narração: vozes doutrinárias das instituições voltadas para autores de infração, vozes da família, vozes auto-afirmativas dos pares de delinqüência, vozes de auto-afirmação e de auto-censura entre outras. Em termos da construção narrativa do self, o relato da entrevistada revelou as contradições e incoerências entre posições do “eu” ao longo da interação. No modo como se apresentou, ressoam as vozes pessoais e coletivas de parentes, juízes, assistentes sociais, psicólogos e outras personagens com as quais dialogou no trabalho de dar-se a conhecer à sua ouvinte e a si mesma.

Palavras-chave: Dialogismo. Polifonia. Self dialógico. Entrevista. Jovens autores de infração.

Abstract

This paper discusses the concepts of dialogism and polyphony as developed by Bakhtin in his literary studies as well as some formulations inspired by his works which are applied to human sciences research, especially to psychology. The aim is to outline the dialogical perspective on the polyphonic novel (Bakhtin, 1936/2008) and in the context of studies on self and narrative

identity (Hermans, 1996, 2001), and discuss their implications for the understanding of the autobiographic narrative of a young woman who has undergone judicial measures due to conflict with the law. In the narrative analysis, we identified the effects of meaning produced in the interaction between interviewer and interviewee and the narrator's personal position repertoire. It was observed that the use of Narrative Interview (Schütze, 1992), which recommends the interviewer to avoid direct questions, resulted in an interchange marked simultaneously by cooperation and conflict, that may be understood by dialogical theory. As an asymmetrical inter-subjective space the interview process revealed coping and power negotiation strategies; the interviewee protested against the interview's rules, asked for direct questions and suggested alteration of the rules insisting on a more conventional type of interview. Composing this interaction space were observed the narration's macro-contexts: voices from institutions responsible for delinquent youth, family voices, self affirmative voices of peers involved in infractions, voices of self reprehension and so on. In terms of self narrative construction her account revealed contradictions and inconsistencies of I-positions throughout the interaction. In her self presentation can be heard personal and collective voices of relatives, judges, social workers, psychologists and other characters with whom she maintained dialogue in her task of making herself comprehensible for her listener and intimately for herself.

Keywords: Dialogism. Polyphony. Dialogical self. Interview. Young offenders.

1. A perspectiva narrativista-dialógica nos estudos sobre a subjetividade

A psicologia contemporânea, especialmente a partir da década de oitenta do século XX, tem se voltado cada vez mais para uma abordagem de base narrativa, como forma de expandir os limites impostos por perspectivas tradicionais que não exploram a problemática da produção discursiva do sentido. O “giro narrativo” na psicologia – imerso de maneira geral no giro “lingüístico” das ciências humanas – foi anunciado inicialmente por Sarbin (1986), Bruner (1990) e Polkinghorne (1988), que defenderam a substituição da metáfora computacional pela metáfora da narrativa nos estudos da

área. Ao invés de focalizar a organização do conhecimento e o processamento de informações, como o faz a metáfora do computador (oriunda da física), a metáfora da narrativa dirige sua preocupação para o modo como a experiência humana é articulada temporalmente e de forma seqüencial numa estrutura narrativa.

Sarbin (1986) propôs a narrativa como metáfora fundamental (*root-metaphor*) para abordar o pensamento e a ação humanos, uma vez que evocava a visão contextualista que havia substituído visões mecanicistas e organicistas acerca do objeto psicológico. O imaginário do contextualismo sugere uma estrutura em constante mudança, na qual múltiplos eventos estão interconectados e atores interagem enquanto buscam realizar seus propósitos. Nesta perspectiva (partilhada por ficcionistas), pressupõe-se que os seres humanos se baseiam explicita ou implicitamente em intrigas para perceber sua realidade, fazer escolhas morais e agir. Isto é, as pessoas buscam impor uma estrutura no fluxo da experiência ao contarem histórias de encontros dramáticos entre heróis e vilões que resultam em finais felizes ou infelizes, avaliados segundo certa convenção moral.

A principal função da narrativa é trazer ordem à desordem (Murray, 2008). As pessoas contam histórias a fim de organizar eventos e situações dispersos e assim conferir inteligibilidade ao vivido. O sentido de um conjunto de episódios narrados emerge da própria disposição num enredo (*emplotment*); compreende-se o que se passou a um narrador levando-se em consideração motivos, metas, seqüências de ações, atores, cenários, coordenadas temporais e outros elementos, de forma conjunta. Portanto, a criação e a comunicação de narrativas - biografias, contos, lendas, histórias, sonhos, mitos etc. - tornam-se centrais para pesquisadores interessados no modo como indivíduos e coletividades produzem sentido sobre seu mundo e sobre si.

Os estudos narrativos têm sido bastante promissores especialmente no campo do *self*² e da identidade. Neste campo, defende-se que a narrativa não somente organiza a nossa compreensão do mundo, mas também a nossa compreensão sobre quem somos, sobre a nossa singularidade como pessoa. A auto-narração é crucial no desenvolvimento da pessoa e a capacidade

para narrar-se parece plenamente desenvolvida apenas a partir da adolescência e fase adulta jovem. McAdams (2001), por exemplo, postula um modelo da identidade como **história de vida**. A identidade teria a forma de uma história com tema, enredo, cenários, personagens e cenas:

Na adolescência tardia e no início da vida adulta, as pessoas que vivem em sociedades modernas começam a reconstruir o passado, perceber o presente e antecipar o futuro em termos de uma história de si internalizada e progressiva, uma auto-narrativa integradora que dota a vida moderna de certa parcela de unidade e propósito psicossocial (p.101).

Para McAdams, antes da adolescência, a criança refere-se a si em termos de traços, atributos, papéis, relações, preferências e outros elementos de diferenciação. Ela só desenvolve uma identidade quando é capaz de integrar esses elementos sincronicamente (isto é, de reunir a gama de papéis e relações vividas no presente) e diacronicamente (de modo a tornar inteligíveis as alterações ao longo do tempo), numa configuração que lhe forneça algum sentido de unidade e de propósito. O modelo dessa configuração é a história autobiográfica que só emerge mais tardiamente no desenvolvimento, continuando nos anos de maturidade e velhice. Essas histórias são construídas pela pessoa em co-autoria com o contexto cultural em que está imersa, refletindo valores e normas socialmente compartilhados.

A noção de um *self* narrativo é explorada em várias linhas de estudos que, embora compartilhem a idéia do *self* como artefato social e culturalmente construído, diferem com relação ao primado do elemento individual ou social no processo de construção da subjetividade. Smith e Sparkes (2008) sugerem que há pelo menos cinco perspectivas acerca das identidades/*selves* narrativos: a psicossocial, a intersubjetivista, a dos recursos historiados, a dialógica e a performativa. Para os autores, a primeira perspectiva (psicossocial) focaliza a dimensão individual, ao enfatizar a centralidade da experiência e a “interioridade” e conceber as narrativas como estruturas cognitivas que permitem à pessoa fazer conexões de sentido sobre o passado, presente e futuro. As perspectivas se-

guintes enfatizam paulatinamente a dimensão social/relacional, de tal forma que na abordagem performativa, radicaliza-se a noção de que as identidades são aquilo que as pessoas **desempenham ou praticam** segundo as contingências das interações sociais. Nesse sentido, pode-se afirmar que há várias escolas de psicologia narrativa, variando segundo as concepções de narrativa implicadas (estrutura cognitiva/psicológica ou ação social), concepções acerca do *locus* do *self* (se o indivíduo, a relação social ou um equilíbrio entre indivíduo e sociedade), segundo crenças ontológicas (realismo ou relativismo) e epistemológicas (construtivismo social, construcionismo social, objetivismo).

Para uma boa parte de psicólogos interessados em narrativas, a narração de si é especialmente relevante por ocasião de eventos desorganizadores de nosso cotidiano, tais como as situações de perda e doença grave, que podem suspender ou por em cheque as narrativas costumeiras que servem de guia para nossas ações diárias. Neste sentido, estudos narrativos têm se disseminado na psicologia da saúde (Murray, 2000; Crossley, 2000), na medicina e na sociologia médica (Frank, 2000, 2005; Hyden, 1997; Bury, 1982, 2001). O potencial desorganizador de certos eventos é também abordado em estudos que examinam situações sociais e pessoais que afetam o curso do desenvolvimento, como ocorre na problemática dos jovens em conflito com a lei. Eventos-chave, como a estréia em atividades ilícitas (drogas, roubos, assaltos) tendem a ser narrados nas autobiografias como pontos de mutação de matiz regressivo, que afastam o jovem de uma trajetória socialmente desejável. No sentido progressivo, alguns eventos constituem novos pontos de inflexão que podem interromper ou alterar o curso infracional: morte de amigos, ameaça de morte, gravidez da namorada e outros (Germano e Serpa, 2008).

Nas últimas décadas, os estudos inspirados no modelo narrativo ganharam significativa expressão e crescimento e constituem grande parte dos estudos qualitativos nas diferentes disciplinas do campo psicológico e áreas de atuação, tais como psicologia da personalidade, do desenvolvimento, psicologia cognitiva, clínica e outras. Nessa trajetória, debates sobre os limites e possibilidades da abordagem narrativa vêm ocupando os espaços acadêmicos, buscando rever conceitos e métodos, bem como

oferecer novas contribuições para os estudos de base narrativa. Muitas vezes, o debate equivocadamente polariza “narrativistas” de um lado e “discursivistas” e “dialógicos” do outro, como se fossem categorias bastante homogêneas e distintas. Com efeito, freqüentemente chamam-se genericamente “narrativistas” os pesquisadores enquadrados na perspectiva “psicossocial” (como por exemplo, representada pelos trabalhos de McAdams, 2001 e Crossley, 2000), cujos estudos são justamente os que parecem receber maior crítica. As críticas a essa perspectiva, em parte, devem-se à sua tendência à “recaída realista”, isto é, por supor uma correspondência entre o que o narrador conta e seu mundo psicológico – cognitivo, emocional - que se julga poder acessar através das narrativas autobiográficas. A crença nessa cadeia de conexão entre a narrativa e uma interioridade “subjacente” torna-se ponto desconfortável especialmente para as posições mais radicalmente construcionistas sociais. As críticas também se dirigem à tendência da linha de focalizar a unidade e coerência do eu, que seria obtida pelo trabalho de auto-reflexão e auto-narração do indivíduo. Apesar dessas críticas e polarizações, esforços integradores têm se disseminado, buscando contribuir para maior amplitude e poder teórico do viés narrativo.

Entre as vertentes que vêm contribuindo para ampliar o escopo dos estudos narrativos na psicologia e nas disciplinas afins estão as pesquisas dialógicas inspiradas pelos trabalhos literários de Mikhail Bakhtin, especialmente por seu conceito de polifonia, elaborado para a compreensão do tipo de romance moderno inaugurado por Dostoiévski. Embora a seara dos estudos de Bakhtin seja a literatura, suas reflexões abriram caminho para a tematização da subjetividade, numa perspectiva renovada que desafia algumas crenças sobre a experiência subjetiva, largamente difundidas na teorização psicológica e mesmo no senso comum: individualidade, centralidade, continuidade e unidade do “Eu”.

Em seu **Problemas da Poética de Dostoiévski** (1936/2008), Bakhtin argumenta que o escritor criou um tipo de ficção original, o romance polifônico, em que coexistem pontos de vista independentes e mutuamente opostos, encarnados em personagens que travam relações dialógicas entre si. Cada personagem é percebida como autora de sua própria perspectiva ideológica, de forma

independente e autônoma, e não como objeto do olhar estético de Dostoievski. No cenário dessas personagens em interação, o ponto de vista do escritor seria apenas um entre outros pontos de vista personificados, sem figuração privilegiada, nem domínio sobre os demais. Como afirma Bakhtin: “O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena e não como objeto da visão artística final do autor” (p. 3).

As formulações bakhtinianas sobre as múltiplas vozes em diálogo no texto do escritor russo estenderam-se para outros campos que examinam os processos de subjetivação e as relações entre indivíduo e sociedade, pessoa e cultura. Na psicologia, a noção de polifonia vem trazendo importantes contribuições à revisão do conceito de *self*, inspirando modelos mais complexos que primam pelo caráter descentrado, heterogêneo e descontínuo do “Eu”.

Podemos afirmar que há uma tendência acadêmica promissora de ampliar o potencial da abordagem narrativa nos estudos sobre a experiência subjetiva, integrando as metáforas da narrativa com a metáfora das vozes e do dialogismo. Neste sentido, inspirando-se em Bakhtin e William James, Hermans (1996) busca não somente refinar o olhar narrativo, enriquecendo-o com as pistas fornecidas pela perspectiva dialógica, como também o faz em relação à própria metáfora computacional, assinalando que muitos estudos de extração cognitivista parecem se aproximar da visada dialógica. Esse tipo de posição integradora é partilhada, por exemplo, por Lopes de Oliveira (2006) e Lopes de Oliveira e Vieira (2006) que explicitamente se referem à “perspectiva narrativista-dialógica” na psicologia do desenvolvimento, particularmente no contexto de adolescentes envolvidos com infração. É também a posição de Silva (2003) que, embora endereçando críticas aos “narrativistas” (identificados com Theodore Sarbin, Jerome Bruner, Dan McAdams e Paul Ricoeur), emprega moldura teórico-metodológica integradora no tratamento do problema da permanência e descontinuidade do envolvimento com o crime entre adultos.

Neste trabalho, buscamos apresentar algumas noções bakhtinianas trazidas para o contexto dos estudos do *self* e da identidade narrativa, discutindo suas implicações para a compre-

ensão de uma narrativa autobiográfica produzida por uma jovem autora de infração. Nosso objetivo é discutir algumas questões sobre a produção da identidade narrativa em situação de entrevista, a partir da interpretação da história autobiográfica de uma jovem vinculada a medida sócio-educativa entrevistada em pesquisa anterior. As transcrições foram produzidas originalmente por ocasião de uma pesquisa sobre narrativas autobiográficas de jovens vinculados a (e egressos de) medidas judiciais, onde foi utilizada a Entrevista Narrativa, de Fritz Schütze (1992a; 1992b), comentada por Jovchelovitch e Bauer (2002).

A fim de investigar a interação dialógica entre pesquisador e entrevistado, bem como as vozes que estão em jogo quando alguém fala de si mesmo, alguns conceitos bakhtinianos são destacados e discutidos a seguir: dialogismo, alteridade, enunciado e polifonia. Posteriormente, apresentamos as contribuições dialógicas de Hermans (1996, 2001) no campo dos estudos da mente e do *self*. Por fim, a entrevista com uma jovem autora de infração é pensada em termos das concepções dialógicas, tal como exploradas em Bakhtin, Hermans e outros.

2. Dialogando com os conceitos bakhtinianos

Bakhtin (1936/2008) compreende a linguagem, assim como o homem e a vida, marcada pelo **dialogismo**. O princípio dialógico, fundamento da língua e da constituição do ser, permeia toda produção discursiva. A palavra (enunciado)³, em sua natureza dialógica, não é um objeto e sim um meio constantemente ativo e mutável de comunicação. É no processo de relação social que a palavra vive: “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra, apóia-se sobre meu interlocutor” (p. 113).

Nessa relação dialógica, uma voz não basta, sendo necessárias sempre, pelo menos, duas vozes, que não se restringem, contudo, às relações face a face, uma vez que mesmo sozinha a pessoa não age isoladamente. Assim, destacamos outro ponto primordial para o entendimento do pensamento bakhtiniano, o da **alteridade**. Para Bakhtin, o homem emerge do outro homem e somente ao se revelar para o outro é que o homem torna-se ele mesmo.

É na interação entre locutor e receptor onde se constrói o sentido do texto e a significação das palavras. O sentido da enunciação, portanto, não está no indivíduo, nem no que é dito, mas no efeito da relação entre os interlocutores. Essa construção, por sua vez, não tem caráter de espontaneidade e neutralidade, mas sim de história, continuidade e responsividade:

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra, ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada (Bakhtin, 2008, p.232).

O **enunciado** é a expressão de um ponto de vista, de uma voz que se dirige a outra, portanto, produzido num contexto social e extraverbal⁴, possibilitando tantos sentidos quanto os diversos contextos em que aconteça.

A experiência individual do enunciado se forma e se desenvolve em uma constante interação com os enunciados individuais alheios, sendo um elo dentro de uma cadeia de enunciados que lhe precedem e lhe sucedem. Isto é, a fala de um interlocutor está repleta de palavras retiradas de outros enunciados anteriores, refere-se a um objeto que já foi falado, comentado e analisado de diferentes maneiras e, dando continuidade a isso, posiciona-se em correlação a essas outras posições. Mas essa fala também está dirigida ao seu destinatário. Por querer ser compreendido, o locutor antecipa a resposta do futuro ouvinte, levando em consideração as características desse outro, por isso, Bakhtin entende a voz do ouvinte sempre numa postura ativa de construção. Assim, em certo grau, o locutor é um respondente e o ouvinte é um locutor. E, somente no interior desta cadeia, o enunciado pode ser compreendido.

Todo enunciado é composto por relações dialógicas e quando é possível ouvir essas vozes, num dado momento e lugar, dando origem a uma multiplicidade de sentidos, tem-se um caso de **polifonia**. Falar de polifonia é falar de vozes com diferentes pontos de

vistas, que discordam e se chocam, gerando um acontecimento. Barros (1997) distingue, de acordo com as estratégias discursivas utilizadas, dois tipos de enunciado: polifônicos e monofônicos. Nos textos polifônicos, o dialogismo se deixa ver, seu sentido é tecido com a voz dos outros; já os textos monofônicos não mostram os diálogos que os compõem, aparentando discurso de uma única voz. Contudo, mesmo que alguns textos tendam à monofonia e ocultem os diálogos sob a aparência de um discurso único, são constituídos pelo princípio dialógico e, portanto, não são atributos de um só autor.

3. Noções de polifonia e dialogismo aplicadas à compreensão do *self*

Quando Bakhtin (2008) fala da posição do autor no romance polifônico de Dostoiévski, enfatiza seu caráter positivamente ativo, argumentando que a consciência do autor é expressa e ativa ao extremo, contudo de modo diferente do que ocorre no romance tradicional, de tipo monológico. A função e a forma desse caráter ativo são diferenciados, pois esta consciência não transforma as consciências dos heróis em objetos, ao contrário, as sente como consciências equípolentes, tão infinitas e inconclusivas quanto ela mesma. Essa nova posição não exige do autor uma renúncia a si mesmo e à sua consciência, pois não se trata da busca de uma neutralidade, mas exige, sim, “uma ampliação incomum, o aprofundamento e a reconstrução dessa consciência (em certo sentido, é verdade) para que ela possa abranger as consciências plenivalentes dos outros” (p.78).

Todas as qualidades que comumente um autor designa à personagem a fim de determinar quem ela é, no romance polifônico de Dostoiévski, tornam-se objeto de reflexão da própria personagem. O autor do romance polifônico não conclui suas personagens porque estas são inconclusíveis. A personagem/pessoa está sempre em processo, sempre em construção dialógica entre seu discurso e o discurso dos outros sobre si. Nesse sentido, a personagem se torna relativamente livre e independente, pois aquilo que poderia defini-la, “sentenciá-la”, de um ponto de vista externo, passa agora a funcionar como material de sua autoconsciência e mesmo assim, longe de se auto-definir, sente vivamente sua

imperfeição interna e sua permanente capacidade de superação. Bakhtin (2008) considera que a obra **Gente Pobre** de Dostoiévski⁵ é onde aparece sua primeira tentativa de mostrar “algo interiormente inconclusível no homem” (p.66) e é com o herói de **Memórias do Subsolo**⁶ que vem à tona a idéia de que “o homem não é uma magnitude final e definida, que possa servir de base à construção de qualquer cálculo; o homem é livre e por isto pode violar quaisquer leis que lhe são impostas” (p.67).

Diante dessa inconclusividade e permanente construção de si mesmo, resta-nos compreender que não há possibilidade de aplicar a fôrma de identidade no homem, não há como o homem coincidir consigo mesmo. Por ser na confluência do homem com ele próprio que se realiza a vida autêntica do indivíduo, apenas mediante um enfoque **dialógico** essa vida torna-se acessível.

É somente através do outro, revelando-se ao outro e com apoio do outro que o homem toma consciência e torna-se si mesmo. O “eu” é uma construção coletiva, os “eus” são autores uns dos outros. Em contrapartida, o afastamento e o isolamento são a causa central da perda de si mesmo. Observamos que falar de auto-consciência não se refere ao que ocorre “dentro” do indivíduo, pois o próprio interior está na fronteira, voltado para fora. É no limiar que as consciências se encontram, dialogam, divergem, constroem-se, revelam-se. “O próprio ser do homem (tanto interno quanto externo) é **convívio mais profundo**. Ser significa **conviver**” (p. 322). Assim, o homem não tem um território interior soberano, não é auto-suficiente, não existe apenas numa consciência. Dotado de uma consciência essencialmente plural e conflitual, o homem, ao ser para o outro, é para si.

Nessas circunstâncias, no romance dostoiévskiano, a voz do herói sobre si mesmo e sobre o mundo é tão plena quanto a voz do autor. Constrói-se, coaduna-se no diálogo com as vozes também plenivalentes das outras personagens e do próprio autor, de onde emerge sua noção polifônica.

Integrando a tradição dialógica de Bakhtin e o pragmatismo de William James, Hermans, Kempen e van Loon (1992) e Hermans (1996, 2001) sugerem o conceito de **self dialógico**, concepção que ultrapassa o viés individualista e racionalista das concepções

tradicionais sobre o “eu”. Segundo Bruner (1997), James, em seu **Princípios de Psicologia** (1890), já indicava a rivalidade entre selves possíveis ou diferentes personagens habitando cada pessoa. Articulando as idéias de polifonia e justaposição de vozes de Bakhtin com a heterogeneidade evocada por James, Hermans e colaboradores conceituam o **self dialógico** como:

(...) uma multiplicidade dinâmica de posições do Eu [*l-positions*]relativamente autônomas num cenário imaginário. Em sua forma mais concisa, esta concepção pode ser formulada como se segue. O Eu tem a possibilidade de mover-se, como num espaço, de uma posição para outra de acordo com mudanças em situação e tempo. O Eu flutua entre posições diferentes e até opostas. O Eu tem a capacidade de dotar imaginativamente cada posição com uma voz, de forma que relações dialógicas entre posições podem ser estabelecidas. As vozes funcionam como personagens interagindo numa história. Uma vez a personagem entra em ação numa história, a personagem ganha vida própria e então assume certa necessidade narrativa. Cada personagem tem uma história para contar sobre suas próprias experiências, a partir de sua própria posição. Como vozes diferentes, essas personagens trocam informações sobre seus respectivos “Mins” [*Mes*] e seus mundos, resultando num **self** complexo, narrativamente estruturado. (Hermans, Kempen e van Loon, 1992, p. 28-29)

Do mesmo modo que o romance polifônico, a subjetividade é pensada em termos de uma **sociedade da mente**. Uma posição do Eu é como outra pessoa no self, com sua própria perspectiva e poder de fala, e cada posição dialoga com outras, podendo entrar em acordo ou desacordo. Isso implica uma visão espacial, e não somente temporal do Eu, em que o **self** é sucessiva e simultaneamente localizado em diferentes posições. Nesse sentido, abre-se a perspectiva de pensar as pluralidades de consciências, contradições e oposições, bem como as dimensões de dominação e assimetria envolvidas no processo de subjetivação. Se a tradição de James focalizava o aspecto contínuo do **self** e a idéia de

um *self*-sujeito (“Eu”) que organiza papéis e características divergentes ligados ao meu eu como objeto (“mim”), o pensamento de Hermans ressalta que a continuidade e a descontinuidade não são mutuamente excludentes, mas combinam-se na constituição subjetiva. Se há continuidade do eu ao falarmos de “**minha** mulher”, “**meu** emprego, “**meus** amigos”, uma vez que podem ser vistos como extensão da **minha** pessoa, também se deve aceitar a descontinuidade entre essas personagens, já que representam vozes diferentes e até opostas no domínio espacial do eu: **minha mulher**, meu **emprego**, meus **amigos**.

O modelo do *self* de Hermans inclui posições internas e externas em diálogo (Hermans, 2001). As posições internas englobam aquilo que sinto como parte de mim mesmo: eu como mãe, eu como professora, eu como alguém que gosta de música. As posições externas incluem partes do ambiente que são, aos olhos do indivíduo, relevantes na perspectiva de uma ou mais posições internas: meus filhos, meus alunos, meus amigos. A significância de ambas as posições emerge dos mútuos intercâmbios que travam ao longo do tempo. Todas essas posições são posições do “Eu” porque são parte de um *self* “que é intrinsecamente estendido ao ambiente e responde àqueles domínios no ambiente que são percebidos como “meus”: meu amigo, meu rival, meu lugar de nascimento” (p. 252). Cada situação de interação convida a um processo ativo de posicionamento que envolve cooperação e conflito entre posições: eu como mãe/meus filhos; eu como profissional/meus alunos. Há ainda posições que permanecem “fora do horizonte subjetivo do *self*”, sem que a pessoa se dê conta, podendo atuar como *sel/ves* possíveis dependendo da situação que possa ativá-las (p.254).

Esse modelo promove uma perspectiva mais complexa sobre a subjetividade humana e, como o próprio autor afirma, leva a refletir sobre as relações peculiares entre *self* e cultura na era contemporânea. Como muitos críticos da modernidade apontam, vivemos numa cultura que é caracterizada por uma intensificação sem precedentes dos fluxos de comunicação, mediados pelas tecnologias informáticas, pelo sistema de transportes, pelas migrações, pelas trocas de mercadorias no sistema globalizado. O processo de compressão tempo-espaço na modernidade tardia

opera efeitos importantes sobre a subjetivação. Para Hermans, nesse momento, ocorre um incremento do fluxo de posições “movendo-se para dentro e para fora do espaço do *self* em relativamente curtos períodos de tempo” (Hermans, 2001, p. 255). Contatos cada vez mais abundantes - tanto na direção da cooperação quanto do conflito - lançam questões instigantes para a psicologia: o que ocorre ao *self* contemporâneo como consequência desses contatos e fluxos intensificados? Dilui-se no que Gergen (1997) chama de **self saturado**? Reorganiza-se na direção de forjar uma estabilidade ou consistência que agora parece mais necessária que nunca? Tais questões são propostas como temáticas de pesquisa que podem ser enfrentadas a partir de um olhar dialógico, que leva em consideração os desafios de pensar os hibridismos produzidos por culturas, coletividades e pessoas sempre em contato e intercâmbio na atualidade.

As considerações dialógicas acima esboçadas implicam consequências importantes no campo da pesquisa em ciências humanas. A seguir, refletimos sobre tais implicações na investigação psicossocial, procurando entender a interação entre pesquisador e pesquisado, à luz das relações, destacadas por Bakhtin, entre o romancista e os heróis dos textos.

4. Interação dialógica entre pesquisador e pesquisado

Uma consideração importante para a atividade de pesquisa dialogicamente orientada diz respeito à construção híbrida dos textos, que ora mostram-se como um discurso monofônico ora polifônico. Amorim (2002) aconselha identificar esses diferentes momentos nos discursos para analisar os efeitos de sentido que essa disposição de vozes produz. Numa pesquisa de perspectiva dialógica, este é um ponto crucial. O discurso, seja da pessoa, do grupo e ainda de documentos públicos, pode ser observado em termos de sua construção dialógica polifônica e/ou monofônica e analisado quanto aos efeitos destas vozes.

Segundo estudos de Amorim e Rossetti-Ferreira (2008), a noção de dialógico, dialogismo ou dialogicidade aparece nos textos de Bakhtin de diferentes formas: **dialogismo interno da palavra**,

dialogicidade nos enunciados e dialogização das linguagens.

Para cada uma dessas formas de dialogismo levantam-se cuidados para o pesquisador que trabalha com essa perspectiva.

Quanto ao **dialogismo interno da palavra**, as autoras assinalam que todo discurso encontra um objeto com uma história, com marcas de onde passou, carregando nomes, julgamentos, valores, definições, às vezes conflitantes, às vezes harmoniosos, que se interconectam em complexos relacionamentos. Desta forma, cabe ao investigador compreender, quando diante de um objeto de estudo, que este contém um dialogismo interno, isto é, que é sobrecarregado de definições e julgamentos de valor e atravessado pelo diálogo social, devendo, portanto, identificar, dentre as múltiplas vozes, quais lhes são mais relevantes, bem como, posicionar-se com relação a elas, deixando explícito o lugar de onde ele fala.

A **dialogicidade nos enunciados** trata dessa corrente de elos do enunciado, que o liga a outros enunciados que o precedem e que o sucedem, propondo que a dialogicidade vai além da alternância de sujeitos falantes. Na prática da pesquisa, esse tipo de dialogismo expõe a não neutralidade da relação entre pesquisador-pesquisado, uma vez que constituída a partir dos múltiplos enunciados aos quais estão vinculados. Por isso, destaca-se a importância de comunicar quem foi o interlocutor dos participantes da pesquisa, isto é, apresentar-se enquanto pesquisador e co-autor dos enunciados produzidos no momento da pesquisa, assim como explicitar as condições de produção e das circunstâncias em que ela se deu, considerando de forma concreta a pergunta formulada, mesmo que não se queira nem possa reproduzir fidedignamente as vivências do campo.

Silva (2003) dá um bom exemplo disso em seu relato de pesquisa sobre o envolvimento com o crime, quando fornece uma apresentação de si, como pesquisadora, em acréscimo à apresentação das características dos participantes e das circunstâncias da seleção para as entrevistas. A autora constrói seu *corpus* de investigação, a partir do método biográfico, com três homens que em algum momento da vida envolveram-se em práticas criminais, analisando o jogo entre continuidade e descontinuidade deste

envolvimento no curso das trajetórias estudadas. Ela parte da perspectiva de que o pesquisador, com sua simples presença, está implicado no processo de produção da narrativa do participante, por isso “conhecer as características do pesquisador se torna tão necessário quanto o conhecimento daquelas relativas aos entrevistados” (p. 79). Assim, em treze linhas, descreve seu nome, idade, cor, origem, formação acadêmica, estado civil, percursos profissionais e outras informações consideradas por ela importantes, antes de narrar as posições identitárias h de seus colaboradores.

Ainda no sentido da dialogicidade nos enunciados, percebemos que o discurso que relata uma observação ou entrevista sempre será um novo texto, pois ao ser destinado para outros interlocutores, já faz parte de um novo **contexto**. Nesse pensamento, não existe o sentido original de um enunciado, ele sempre terá sua forma e conteúdo construídos para e com alguém.

Já a **dialogização das linguagens** traz à tona a multiplicidade de vozes sociais na forma de língua nacional. Essas vozes plurais encontram-se estratificadas nos vários tipos de linguagens sociais (por exemplo, as linguagens de reunião, as familiares, cotidianas, sociopolíticas, científicas...) e carregam consigo pontos de vista e sistemas de crença distintos, com pretensões a “linguagens de verdade”. O discurso vive nos modos sociais, portanto, nos aparece na forma de múltiplas e contraditórias linguagens, como um processo contínuo de transformação e de caráter histórico. Quando alguém fala, concretiza um enunciado através de linguagens, manifesta signos entremeados à sua organização social e cultural. Daí, quando um pesquisador parte para análise dessa fala, não pode se restringir à sua manifestação “objetiva” pois, nesse dado que emergiu, estão presentes elementos do contexto e da história, cabendo, então, ao seu trabalho, a busca dos “múltiplos significados que o envolvem e que com ele estão em harmonia e embate, articulando-se, repetindo, transformando-se” (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008, p. 244).

Outro ponto que não podemos perder de vista é que a pesquisa é um encontro entre sujeitos (Freitas, 2003) e mais, sujeitos com discursos distintos e que produzirão significados múltiplos e conflitantes. O grande compromisso do pesquisador, longe

de ser o de homogeneizar ou apresentar um discurso monofônico, é o dar transparência a esses conflitos e paradoxos. Para tanto, Bakhtin propõe uma postura **exotópica**, na qual o pesquisador, primeiramente, identifica-se com o outro, colocando-se no lugar do pesquisado para ver o mundo como ele o vê, através dos seus sistemas de valores e, depois, retorna para o seu lugar (do pesquisador) a fim de contemplar o horizonte do pesquisado, completando-o com sua visão excedente e externa (por isso exotópica). O olhar do pesquisador não coincide com o olhar que a pessoa tem de si mesma; ele a enxerga de uma outra posição e com outros valores, assim, lhe dá outros sentidos. Desta forma é que podemos falar de construção dialógica de sentidos.

5. A história de Luisa⁹:

Entre 2006 e 2008, a equipe de pesquisa vinculada à primeira autora deste artigo realizou uma série de entrevistas com jovens de ambos os sexos, de 16 a 21 anos, vinculados a ou egressos de medidas sócio-educativas e sob atendimento em um projeto social do Governo do Estado do Ceará. Seleccionamos aqui uma dessas entrevistas que tiveram como objetivo geral colher a narração autobiográfica desses jovens, de modo a compreender como organizavam a experiência do passado, projetavam o futuro e elaboravam uma história pessoal. No início, a equipe estava motivada a refletir sobre os “projetos de vida” dos jovens atendendo medidas judiciais. Posteriormente, o grupo passou a se concentrar na própria atividade de construção de enredos (*emplotment*) e nas muitas funções que a narração desempenhava em termos da auto-compreensão e auto-apresentação desses jovens na situação da entrevista.

Como modelo de entrevista, buscou-se aplicar o modelo de Entrevista Narrativa (EN) delineado pelo sociólogo Fritz Schütze (1992 a; 1992 b), e comentado por Jovchelovitch e Bauer (2002). Com base na sociologia fenomenológica de Alfred Schutz, no interacionismo simbólico e na etnometodologia, Schütze desenvolveu um método para a interpretação textual hermenêutica de entrevistas biográficas que objetiva revelar estruturas de processos pessoais e sociais de ação e sofrimento (Apitzsch e Siuti, 2007). Seu principal interesse reside, não na reconstrução da ex-

periência representada na história de vida de um indivíduo, mas no “encaixe” (*embeddedness*) do relato biográfico em estruturas macrossociais.

A técnica da EN busca gerar, no primeiro momento, uma narração autobiográfica espontânea, estruturada pelo que é considerado pessoalmente relevante ao entrevistado. O pesquisador não estabelece previamente perguntas, temas ou tópicos, buscando gerar histórias modeladas principalmente pelo conteúdo e estrutura das experiências de vida do informante. Embora se reconheçam a estreita relação entre entrevistado e pesquisador e os efeitos do *setting*, perguntas diretivas, especialmente as “por que?” são evitadas no início, pois “podem ocultar ou destruir um esquema narrativo e gerar posições de explanação, argumentação e legitimação” (Apitzsch e Siouti, 2007), desviando o acesso do pesquisador ao trabalho de construção biográfica do narrador, à medida que procura comunicar sua história. Com efeito, Schütze está interessado no manejo de princípios e elementos necessários à narração, isto é, como o narrador “resolve” selecionar o que é relevante, condensar e detalhar informações e fechar seu relato, entre outros procedimentos.

Vale aqui ressaltar algumas peculiaridades do uso da técnica de EN em nosso estudo. Em primeiro lugar, a EN foi empregada apenas como forma de gerar narrativas autobiográficas, não tendo sido adotado o método de análise sugerido por Schütze. Em segundo lugar, nem sempre a aplicação da EN nos moldes rigorosos de não-intervenção durante a narração espontânea foi alcançada, constituindo, na literatura sobre a técnica, situação comum e uma das dificuldades para sua utilização.

As entrevistas com os jovens em cumprimento de medidas sócio-educativas ocorreram nas dependências de um projeto de assistência a jovens da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Governo do Estado do Ceará, e as entrevistas com egressos foram realizadas nas escolas onde os cursos eram ministrados (curso de cabeleireira, *office-boy* e outros). Após convite coletivo em sala de aula, alguns jovens aceitaram participar do estudo. No início da entrevista, davam-se as seguintes instruções: “Estou pesquisando histórias de vida de jovens em diversos contextos.

Gostaria de conhecê-lo melhor e para isso peço que você conte a sua história de modo que achar conveniente. Você pode levar o tempo que quiser, começar e terminar onde desejar, contando sua vida de modo que eu compreenda quem você é. Para que você conte sua história livremente, eu não vou interrompê-lo. Você deve me dizer quando a história acabou e somente depois eu farei algumas perguntas para esclarecer o que não entendi bem. Certo?”. As entrevistas foram transcritas e analisadas, levando-se em consideração os tipos de enredo, estilos de narração e o conjunto de conhecimentos de si e do mundo que os jovens construíram em resposta à nossa solicitação.

Nessa pesquisa, a análise das entrevistas operou no sentido de abarcar conjuntamente a função ideacional (referencial/conteúdo), a textual (estrutural/formal) e a interpessoal (performática) das histórias construídas pelos jovens durante as entrevistas. Neste sentido, destacaram-se vários efeitos da interação nas formas de construção dos enredos e no modo de reivindicação da imagem pessoal de cada jovem durante os encontros. A simples presença dos pesquisadores, sua identificação como estudantes de psicologia, a forma como se apresentavam, o seu vocabulário, o local onde ocorriam as entrevistas contribuíram para gerar certas narrativas e não outras.

Tais efeitos podem ser mais bem compreendidos a partir de uma perspectiva dialógica que dispõe em relevo os aspectos interacionais e de construção social da comunicação e da cognição. Freitas (2003) nos lembra que a entrevista promove uma parceria efetivada na experiência dialógica entre pesquisador e pesquisado. Assim, a entrevista mostra-se como um método de pesquisa **com** os sujeitos e não **sobre** os sujeitos, constituindo-se de fato um encontro intersubjetivo. Há, nas atividades comunicativas e cognitivas, a dialogicidade que vem dos sentidos criados no nível das interações propriamente ditas, como também no nível da práxis sócio-cultural, isto é, das tradições, práticas comunitárias, institucionais etc. Neste sentido, no nível das situações interpessoais, pode-se falar em co-autoria (mesmo que assimétrica) na fabricação do sentido. No nível das tradições, os interlocutores participam de uma linguagem comum, partilhando parcialmente os sentidos que sua comunidade cultural fabrica e veicula. Compreender o jogo das

múltiplas “vozes” que constituem o entendimento dos jovens sobre sua história, na interface entre os micro-contextos de interlocução (como o da entrevista de pesquisa) e os macro-contextos (narrativas e discursos institucionais, de classe, de gênero e outras) é o objetivo do exercício aqui proposto, em que revisitamos a história contada por Luíza, jovem com uma história de conflito com a lei.

A entrevista com Luíza foi realizada em 2006, na época com 20 anos e participando de um curso profissionalizante, na condição de jovem egressa de medidas sócio-educativa. Assim como outros jovens que foram convidados, Luiza mostrou interesse em participar da pesquisa. Como egressa, sua entrevista foi realizada nas dependências da escola onde o curso profissionalizante acontecia. Luíza foi entrevistada por uma aluna do curso de graduação de Psicologia, na época participando da equipe de pesquisa.

A entrevista, que teve duração de aproximadamente 50 minutos, foi marcada pela dificuldade de Luiza de começar a contar a sua história de vida. Em virtude da técnica de entrevista empregada adotar, de início, um mínimo de intervenção por parte do pesquisador, em muitos momentos, Luiza solicitou perguntas mais específicas e diretivas, que a ajudassem a atender aos interesses da entrevistadora. Apresentou-se, seguidas vezes, como incapaz de proceder a uma narração espontânea, sem o direcionamento usual com que estava acostumada no contexto do atendimento profissional das medidas sócio-educativas. Ao fato de não conseguir inicialmente falar de si mesma, deu explicativas diferentes, como: “A minha vida é complicada”; “Eu nunca contei minha vida pra ninguém”; “Eu nem sei por onde começar direito. É difícil. Se fosse você, você ia ver como ia ser difícil”; “Eu não gosto de ficar falando, nunca gostei”; “Na época que eu usava [drogas] todo mundo queria me prejudicar e eu acho que hoje em dia também é assim. É por isso que eu não falo”.

O convite à narração autobiográfica espontânea exige que a entrevistada organize num enredo inteligível um conjunto de episódios com seus agentes, motivos, saberes, juízos, sentimentos e outros elementos, de uma forma articulada. A narração, contudo, não se restringe à produção de uma intriga, mas constitui um **ato de narrar** para outro e para si. A narrativa configura uma atividade

dialógica, envolvendo um narrador e um ouvinte, mesmo que este outro se encontre fisicamente ausente ou esteja apenas implicado na enunciação. Nos primeiros momentos, Luíza repete que não consegue atender ao pedido da entrevistadora. Tais enunciados, mais que se referirem aos obstáculos de contar sua história (o que o “conteúdo” de sua fala diz), podem ser entendidos como atividades geradas na relação interpessoal ali constituída: como ato de protestar ou contestar as normas estabelecidas pela pesquisadora, como ato de solicitar ajuda e sugerir mudança nas regras etc.

Num dos trechos da entrevista (“É difícil falar o que eu fiz, é difícil falar como eu sou! Nem eu mesma sei como eu sou hoje em dia”), observamos que a relação dialógica implica a própria narradora como ouvinte privilegiada, tornando o encontro ocasião propícia para o diálogo interno, consigo mesma. É assim que uma posição do Eu de Luíza pode admitir que não sabe quem é frente às muitas posições e vozes que dialogam naquele momento. Luíza oscila entre várias posições que podem ser construídas ali, no diálogo com as várias faces de si mesma, com a entrevistadora de carne e osso que lhe faz o convite, com a entrevistadora que ela imagina, com as personagens dos episódios (galera, juiz, diretora, irmão, pai) e outras.

Refletindo a assimetrias do espaço intersubjetivo, o processo da entrevista narrativa torna visíveis as estratégias de enfrentamento e negociação do poder entre as partes. Em vários trechos a entrevistada fala seguidamente: “se você me fizesse umas perguntas eu respondia, mas eu mesmo começar a falar, eu não consigo, não”; “me faça uma pergunta aí, que eu pego o embalo”; “não seria mais fácil que você fizesse umas perguntas que eu respondia?”. Longe de representar um espaço neutro de interlocução, as trocas verbais e não verbais encarnam esferas microscópicas de dominação. No caso, observam-se insistências de cada parte na direção de seus interesses: Luíza solicitando mudança nas regras e a entrevistadora insistindo na manutenção das regras originais, na posição de pesquisadora zelosa que deve conduzir o procedimento conforme seu treinamento. A transcrição seguinte¹⁰, da parte inicial da entrevista, ilustra como a entrevista, mesmo quando cordial e respeitosa, pode se configurar uma arena em que vozes assimétricas trocam informações, às vezes em cooperação, às vezes em conflito:

.....

E– Se você fosse me contar a história da sua vida por onde você começaria?

L – Por onde começaria, né?

E - Isso, por onde você começaria a contar sua história?

L – Ai, ai. Deixa eu pensar aqui...A minha vida é complicada...Eu não consigo não, cara. É sério! Não consigo falar de mim não...

E- Tenta...

L – Consigo não!

E– Mas você lembra de alguma coisa?

L – Eu lembro, com certeza!!! Não esqueci de nada! Mas, é difícil falar!...

.....

E – O que você poderia falar pra eu lhe conhecer melhor?

L – Sei lá! Eu sou complicada! Nem minha família me conhece.

E – Eu posso te conhecer melhor, então?

L – Homem, é complicado...**se você me fizesse umas perguntas eu respondia, mas eu mesmo começar a falar, eu não consigo, não.** Eu nunca contei minha vida pra ninguém. Só mesmo realmente quem conheceu que conviveu comigo sabe, mas contar pros outros, não.

E – Você pode me contar como se estivesse pensando

alto. Como se você estivesse lembrando o que aconteceu e você vai falando.

L – O que aconteceu foi que com onze anos eu me envolvi com drogas, parei de estudar, comecei a fugir de casa. Fiz altas coisas. Fui presa num sei quantas mil vezes. Foi o que aconteceu comigo. **Agora, contar com detalhes assim, eu não tô a fim de contar, não.**

E– **Mas, que outras coisas aconteceram na sua vida você pode me contar além disso?**

L – Ora, tem coisa pior do que ser presa! De você todo dia acorda pra fazer aquilo e tem que fazer aquilo pra puder dormir. Tem coisa pior do que isso não.

.....

L – **Tem que falar mais, é? Pergunta que eu respondo... por que eu começar a falar...**

E– **Do que mais você lembra?**

L – Eu lembro disso que eu te falei! Só que eu não quero falar os detalhes.

E– **Então, outras coisas que você queria falar pra eu te conhecer.**

L – É que se eu for falar, eu tenho que começar a falar do começo...É meio difícil! Eu não consigo, não.

E– **Então, toda a sua vida está relacionada a isso?**

L – Pelo menos até os dezoito, tá. Agora é outra coisa

Comentário da entrevistadora: Ficava constantemente batendo com a ponta dos dedos na mesa. Foi difícil que ela iniciasse sua história.

E – E agora?

L – Se eu for falar de agora, tem que falar de antes, né não? Pra você saber do que aconteceu. É porque é difícil! Não é fácil, não! Mas, vai! Eu vou tentar falar. Bom, como eu já falei, né, com meus onze anos eu comecei o uso de drogas. Passei o que? Sete anos viciada direto. Perdi minha família bem umas dez mil vezes e eles continuaram me dando uma chance. Fiquei internada também perdi as contas. Aconteceu tanta coisa.

.....

E – Tantas coisas?

L – É! Só pra você ver, ô! No Aldacir Barbosa eu fui sentenciada dez vezes. Cada vez era uma coisa diferente. Quando eu tava no I., porque eu sou de I. né? Eu fui presa lá umas três vezes e todas as três vezes eu fugi. Ninguém me agüentava não!!! Eu era muito ruim, muito ruim. Até que teve um dia que me colocaram no Aldacir Barbosa, também não adiantou de nada. **Eu tenho que continuar falando tudo o que eu fiz?**

E – O que você quiser me contar pra eu te conhecer melhor. O que você acha que merece ser contado pra eu te conhecer?

L – **Eu vou ter que contar tudo, né?**

E– O que você quiser contar. Eu quero te conhecer melhor.

.....

A ponta dos dedos continuam a bater na mesa.

.....

L – É melhor você parar...

E– Eu te espero.

L – Eu nem sei por onde começar direito. É difícil. Se fosse você, você ia ver como ia ser difícil.

E – Eu sei, eu sei.

L – Eu não gosto de ficar falando, nunca gostei.

.....

L – Me faça uma pergunta aí, que eu pego o embalo.

E- Então, eu vou voltar à primeira pergunta. Se você fosse me contar a história da sua vida por onde você começaria? Aí você segue por onde você quiser.

L – Bem, como eu já falei, né? Eu não vou mais repetir. Minha adolescência foi uma porcaria. Sinceramente, eu vivia na delegacia do que na minha casa. E mais drogada do que num sei o que. Deixei de estudar. Comecei a nem ligar mais pras coisas, num ligava pra minha família. Não tava nem aí pra eles. E se viesse pra perto de mim eu não tava nem vendo, podia ser quem fosse. E só não gostava que ninguém me segurasse. E fiz muita besteira, demais. Agora uma coisa é que eu não me arrependo de nada do que eu fiz. Faria de novo. Não me arrependo! Nem um pingão!

E – De que mais acontecimentos tu lembra?

L – Tudo. Desde o primeiro momento que eu me envolvi. Foi num dia que eu tinha brigado com a minha mãe e com meu pai. Eu fui pro colégio e tinha uma galerinha que já usava. Eu sabia, já andava com eles, mas nunca tinha. Aí, vai! E eu num quero não! Aí, vai! Ai, eu é vou! Daí, então! Até os meus dezoito anos foi assim! Todo dia. E aí do meu

pai se não me desse dinheiro. Agora, uma coisa que eu nunca fiz foi tomar nada de ninguém. Nunca. Agora eu mesmo era pior do que isso, qualquer coisa eu partia pra cima, queria matar... Mas, eu não me arrependo, não do que aconteceu. Não vai mudar nada...E olha que eu não tinha uma família ruim, não e nem tenho. Muito menos ??? Sei lá o que foi que deu na minha cabeça. Hoje em dia eu tenho vontade, não vou mentir...mas, eu fiz muita besteira! **Tem que falar, é?**

E – Você me fala o que quiser falar. Eu tô aqui pra te conhecer.

L – Sei lá!...Não é uma história bonita!...Então, vai! Minha vida desde os onze anos. A partir daí, eu vivia internada, às vezes, tinha que me amarrar porque ninguém me segurava. Eu viva na delegacia. Era bem assim. Eu não estudei, porque eu ia pro colégio só encontrar a galera e sair fora. Não queria, não via nada de futuro. Eu achava que meu futuro era aquilo. Só que toda vida que eu caía na DCA eu dizia “vou parar porque eu não agüento”, mas nunca parei. Quanto mais eu ia, parece que mais eu gostava...Até que teve um dia que o juiz não me agüentava mais. Eu tava toda semana no fórum, tudo pela mesma coisa. Lesão. Tentativa de homicídio.....
Eu não sei, não cara, o que falar. Se tu me perguntasse, ficaria mais simples. Mas, d’eu falar eu mesmo... Por mais que eu lembre de tudo, mas eu não sei por onde começar.

E – Tenta. Você vai lembrar. A partir do momento que você vai contando, você vai lembrando.

L – Eu lembro! Eu lembro de tudo o que eu fiz. O pessoal diz que quem usa esquece de tudo. Esquece nada! Aí é que lembra! Lembra até o que não fez. O que queria fazer, mas não deu pra fazer.....**ai, ai...pergunta alguma coisa que eu falo.**

E– Continue sua história...

L - É difícil, cara! É difícil falar o que eu fiz, é difícil falar como eu sou! Nem eu mesma sei como eu sou hoje em dia. Eu sou muito complicada! Eu não aceito as pessoas. Eu sou muito complicada, muito mesmo! Na época que eu usava todo mundo queria me prejudicar e eu acho que hoje em dia também é assim. É por isso que eu não falo. Pra você ter uma idéia, na época que eu usava eu fui internada lá no hospital mental de Messejana na parte de desintoxicação. Eu comecei a fazer uns tratamentos psiquiátricos e eu nunca falava! Eu ia lá só porque tinha que ir, era obrigado. Eu chegava ficava sentada e não pronto, falava nada. Só teve um dia que eu consegui falar e essa foi a última vez que eu fui. No dia que consegui falar nunca mais eu fui. **E nem tenho vontade...pergunta!**

E – Continua...

L – Ai, ai, ai, ai! Se você estivesse no meu lugar, você ia ver como é difícil! Mas, tem pessoas que conseguem, né, falar. Não é nem que eu não consiga, eu não gosto... do jeito que as coisas são.....**Se quiser desligar, pode desligar, viu? Vai passar a manhã todinha e eu não vou falar.**

E – Eu te espero!

L – Não seria mais fácil que você fizesse umas perguntas que eu respondia?

E – Eu queria que fosse falasse sem minha intervenção, livremente.

L – Eu não consigo, não! É sério! É de mim! É uma barreira que eu tenho dentro de mim. Nem com a minha família eu falo o que eu sinto, o que deixo de sentir. E só falo uma coisa, que tô precisando de dinheiro. É só isso que eu falo. Se eles perguntam e não respondo, não. Criou

uma barreira. Desde que quando eu entrei no mundo das drogas, que quiseram me prejudicar. Criou uma barreira com todo mundo... Tanto que eu fiz um juramento, quando eu fui sentenciada por causa dele, que eu nunca mais ia confiar em ninguém de falar minha vida. E isso eu tô cumprindo... Mas, eu acho que nunca mais vou esquecer aquele dia. Eu tinha o quê? Dezesesseis anos quando era a minha décima segunda queda. O juiz olhou pra mim e disse que eu não tinha mais jeito e eu ia passar três anos... Na hora foi difícil, ô! Mas, depois eu nem liguei. Peguei semi-liberdade. Todo final de semana eu tava fora, num tava mas nem aí! Parecia um hotel pra mim. E aí, pronto. Mesmo quando eu tava lá dentro, eu não parei de aprontar.....**Eu não quero mais falar, não!**

Apesar desses protestos veementes, a segunda metade da entrevista fluiu mais de acordo com as regras da entrevistadora, com Luíza parecendo aceitar o modelo inusitado de entrevista. É interessante notar que, antes de concordar em falar, o diálogo acima transcrito revela que Luíza consegue de algum modo subverter as regras impostas, obrigando a entrevistadora a manter-se menos silenciosa do que desejava e travar uma “conversa” mais habitual, com palavras de estímulo e algumas perguntas gerais.

Compondo o espaço de interação da entrevista, igualmente marcados por relações de poder e dominação, configuram-se os macro-contextos que envolvem a jovem e a entrevistadora, e que simultaneamente as aproximam e separam. Neste sentido, observamos a complexa narração de Luíza, tecendo os discursos doutrinários das instituições voltadas para autores de infração, os discursos da família, os discursos auto-afirmativos dos pares de delinquência, os discursos de auto-afirmação pessoal mesclados aos discursos de auto-detração e muitos outros. Tais discursos são encarnados como posições de onde Luíza fala, vozes relativamente autônomas que frequentemente se mostram contraditórias e incoerentes. Vozes de auto-censura (“muito ruim”, “drogada”, “ninguém me agüentava”, “complicada”) ressoam as vozes coletivas de juizes, assistentes sociais, psicólogos e professores que falam a partir de perspectivas sociais e institucionais que podem definir

a liberdade ou a internação de Luíza. Quem Luíza é modela-se no cruzamento de múltiplas vozes que ela é incapaz de articular reflexivamente: “Nem eu mesma sei como eu sou hoje em dia”.

Diante do convite à narração, Luíza relutantemente constrói sua história, sem poder contar com as dúvidas e questões explícitas da pesquisadora. Embora a entrevistadora recuse fazer perguntas diretas, Luíza dialogicamente relata aquilo que supõe ser o alvo do interesse da pesquisadora: a sua história como jovem autora de infração. Luíza focaliza sua trajetória de conflito com a lei, suas repetidas infrações, internações e fugas, como se aquela história fosse a mais apropriada à sua interlocutora. Mesmo podendo contar o que quisesse, a presença da entrevistadora, estudante de psicologia, ajuda a co-construir uma narrativa peculiar, não necessariamente adequada a outros ouvintes e outros contextos de interação.

Quando Bakhtin (2008), ao tratar dos romances polifônicos, fala do discurso do herói sobre si mesmo, deixa evidente que esse discurso é uma construção sob a influência direta do discurso dos outros sobre ele. Em várias situações, Luíza mostra que a fala do outro altera sua consciência sobre si mesma. Seu relato faz referência direta a vozes que tanto a ajudam a construir significações em torno de um *self* delinqüente, como em torno de um *self* que tem potencial de “recuperação” e para mudar sua história. Quando fala do primeiro contato com as drogas, aparece como principal voz a da “galerinha” da escola que usava drogas: “Eu fui pro colégio e tinha uma galerinha que já usava. Eu sabia, já andava com eles, mas nunca tinha. Aí, vai! E eu num quero não! Aí, vai! Aí, eu, é vou! Daí, então! Até os meus dezoito anos foi assim! Todo dia”. Outras vozes vão emergindo, como outros “pontos de vista”, que também são sentidos como parte de si: a Luíza que não tem jeito, a Luíza que pode se recuperar, a Luíza que “nunca tomou nada de ninguém”, a Luíza que roubou do irmão para se drogar etc. Em vez de uma história coerente, com começo, meio e fim, em que a protagonista segue um rumo progressivo em direção à maturidade, temos uma heroína ambivalente, que ora se mostra em vias de suspender a trajetória de infração, ora de consolidá-la ainda mais. O trecho a seguir, que envolve a voz dominante do juiz, ilustra o processo dialógico entre vozes internas e externas:

Só que aí, teve um dia aí chegou o dia da audiência. E nesse dia aí ele pegou e disse pra mim que ele acreditava que eu tinha jeito. E perguntou pra mim se eu queria mudar e eu disse que não, que não tinha nada que mudar. Ele falou pra mim que tinha que mudar, que eu tinha jeito. E eu falei que ele tava doido. Ele mandou eu voltar, porque eu respondi ele. **Aí, depois eu fiquei pensando, pensando, pensando no que realmente eu fiz. Aí eu procurei a diretora. Foi a única vez que eu cheguei a falar. Que eu queria que ela entrasse em contato com ele porque eu já tinha minha resposta, porque ele mandou eu pensar, né? E eu já tinha completado os meus dezoito anos. E tinha que resolver se ia fazer um tratamento ou se ia pro presídio.** De duas uma, né? Presídio eu não queria, né? Porque de menor tem muitas regalias, mas presídio não tem. **Aí eu falei que queria, só que foi da boca pra fora.** No caso, eu ia ter que pagar o restante lá, porque faltava um ano ainda.

Aqui se revelam também as estratégias narrativas empregadas por Luíza para enfrentar os interlocutores poderosos que podem decidir sua vida. Luíza tece sua auto-narração e sua visão de si, valendo-se de repertórios de saberes e práticas construídos nos contextos da rua, do confronto com policiais, do discurso do Estatuto da Criança e do Adolescente, das instituições para jovens em conflito com a lei, das instituições médicas e de apoio aos dependentes químicos e outros contextos discursivos.

O desenrolar da narrativa revela que a decisão de enganar o juiz (para evitar o presídio) não é tão definitiva ou consistente, como o relato leva a pensar em alguns trechos: “Aí, sim! Eu decidi que queria um tratamento. Ele: quer mesmo? E eu olhando no olho dele disse: quero! Isso eu sabendo que eu não queria. Era tudo mentira. Só pra eu não ficar lá dentro”. Mais adiante, Luíza fala da oportunidade que teve de mais uma vez fugir e da sua decisão de, ao contrário do pretendido, iniciar o tratamento para dependência química. O encontro com o juiz, no dia estabelecido para sua internação, mostra-se momento de sintonia entre ambos, com a voz confiante do juiz operando para ressaltar a posição da “Luíza-que-quer-mudar”:

Aí quando ele perguntou você realmente quer ir? Aí, eu pensei. Você quer ir? Aí eu disse: quero. Então você vai, porque eu acredito que você vai mudar, num sei o quê. E eu tinha maior raiva desse juiz, mas ele disse que eu era a única adolescente lá dentro que acreditava que ia mudar, que conseguia. Tá certo. Aí de lá eu fui direto pra lá.

Ao falarmos das vozes que estão em diálogo polifônico na história de Luíza, frisamos a natureza dialógica do *self*, que se constitui, não como uma entidade ou conjunto de traços individuais, mas como um movimento entre posições diversas, algumas vezes, contraditórias e conflitantes. As posições auto-referentes encontradas no decorrer da entrevista de Luíza revelam-se no que Hermans (segundo Silva, 2003, p. 64) chama de **repertório de posições pessoais**: que tem vida complicada, que tem dificuldade de falar de si mesma, que se lembra de tudo, que a família não conhece, envolvida com drogas, que abandonou os estudos, fugida de casa, presa, que vê relação entre seu passado e presente, viciada em drogas, que perdeu a família, que recebeu chance da família, interna de instituições para jovens infratores, fugida das instituições, que ninguém agüentava, sentenciada, pessoa muito ruim, que não gosta de falar, que teve uma adolescência porcaria, que não ligava para família, que fez muitas besteiras, que não se arrepende, que vivia na delegacia, que nunca tomou nada de ninguém, que pegou quinhentos reais do irmão, que devolveu o dinheiro para o irmão, que queria matar o irmão, que não conseguia parar (de usar drogas), que o juiz não agüentava mais, desconfiada, que tem barreira para falar de si mesma, exigente, que ganhou confiança da responsável da clínica, observadora, sem coragem de roubar dinheiro da clínica, com medo, braço direito da responsável da clínica, apegada ao pai, que não usa drogas, que não está recuperada, que não sente vontade de usar drogas, estudante, trabalhadora, responsável, que sente falta da família, que não liga mais para família, que não faz planos para o futuro.

O repertório de posições pessoais referido por Luíza na entrevista é contingente e dinâmico e não deve ser considerado de forma conclusiva. Diferentes posições podem emergir em momentos diferentes do ciclo vital; a pessoa pode abandonar certos repertórios de épocas anteriores, criar novos a partir de antigos e mesmo retornar a repertórios de posições antes deixados para trás.

De acordo com Hermans, cada uma dessas posições é acompanhada por componente afetivo e de valorações e avaliações (Silva, 2003). Na entrevista de Luíza, são percebidos sentidos e afetos contraditórios, como nos trechos em que, por um lado, avalia que “agora é outra coisa” e que “fez muita besteira, demais” (julgando que sua vida anterior era ruim), e, por outro lado, diz que “faria de novo” e que “não se arrepende, nem um pinga”. Suas auto-avaliações morais revelam a tensão entre posições distintas, carregadas de afetos conflitantes, tornando difícil uma atitude conclusiva e unívoca sobre sua trajetória. Em momentos significativos de sua história, Luíza refere-se à presença afetiva de pessoas que contribuíram para que pudesse conversar abertamente sobre si e rever algumas posições pessoais que a punham em situação de vulnerabilidade. É o caso da responsável pela instituição de desintoxicação, onde ficou internada por nove meses: “Ela dava muita confiança em mim. A única pessoa que eu consegui falar da minha vida mesmo foi pra ela. A única pessoa que me ajudou mesmo”.

Como no caso desses encontros harmoniosos relatados por Luíza, a situação da entrevista também pode ser espaço para um diálogo cooperativo e transformador. Apesar dos protestos e contestações iniciais de Luíza, a postura da entrevistadora - de respeito pela voz de Luíza, de espera e de estímulo - contribuiu finalmente para que a jovem falasse de suas experiências, reconstruindo sentidos sobre sua pessoa e sua trajetória. Luíza contou detalhadamente aquilo que julgou importante, sem solicitar perguntas, inclusive, narrando livremente sua história após ter sido interrompida pela entrada inadvertida de uma terceira pessoa na sala.

6. Considerações Finais

A abordagem narrativo-dialógica amplia as perspectivas de estudo nos campos da psicologia do desenvolvimento, da personalidade, da clínica e outros, enfatizando os modos como as pessoas se posicionam, seja na esfera “interna” do eu, seja na esfera “externa”, nas relações que travam com outros indivíduos nos contextos sócio-históricos e culturais. A noção de **posicionamento**, aqui abordada através das formulações de Hermans e colaboradores, encontra eco noutras teorizações de matiz construcionista, como as de Rom Harré (1998) que buscam ultrapassar o caráter estático

e rígido que ainda se percebe no conceito de papel. Como afirma Hermans (1996), as noções de posição e posicionamento evocam com mais eficácia a dimensão espacial da estruturação narrativa, aquilo que Bakhtin enfatizou com sua noção de justaposição de vozes no romance polifônico.

A atenção à permeabilidade das esferas do eu/outro, ao descentramento e heterogeneidade do *self*, à indeterminação ou inconclusividade identitária, promovida pela perspectiva dialógica, tem o mérito de matizar muitas crenças e expectativas produzidas no campo da teorização psicológica. Uma delas, discutida por Silva (2003) refere-se à estabilidade ou continuidade ilusória das trajetórias de envolvimento com o crime. Se, a partir do modelo das diferenças individuais, pode-se correlacionar um passado com um futuro de crime como um percurso linear, no modelo dialógico, atenta-se para as rupturas, tensões, ambivalências que configuram essa experiência.

A adoção da perspectiva dialógica na pesquisa psicossocial, contudo, traz consigo uma descrença em formulações definitivas e, com isso, a experiência de incerteza e incompletude acerca das verdades que podemos dizer sobre nós e sobre os outros. O que move o pesquisador dialógico é o desejo de romper com o discurso monológico, aquele que procura dizer a última palavra sobre os sujeitos que investiga. Tal atitude implica uma tomada de posição, não apenas epistemológica (contra a objetividade), mas também ética. Respondendo à pergunta, que também é título de seu ensaio – Que é pesquisa dialógica e por que deveríamos fazê-la? – Frank (2005, p. 967) afirma:

Numa relação dialógica, uma pessoa nunca pode dizer de outra, “Isto é quem essa pessoa **é**”. Pode-se dizer, no máximo, “Isto é como eu vejo essa pessoa agora, mas não posso saber o que ela se **tornará**”. O diálogo depende de uma perpétua abertura para a capacidade do outro de tornar-se alguém diferente de quem ele ou ela já é. Ademais, numa relação dialógica, qualquer pessoa se responsabiliza pelo tornar-se do outro, como também reconhece que a voz do outro penetrou a sua própria voz.”

Considerar as alternativas abertas pelo dialogismo no contexto das trajetórias dos jovens em conflito com a lei nos parece caminho promissor para contestar vozes dominantes que insistem ora em demonizar, ora em vitimizar jovens autores de infração.

Notas

1. Este trabalho recebeu financiamento da Fundação Cearense de Amparo a Pesquisa (FUNCAP) por meio de bolsa de mestrado concedida à segunda autora. As autoras agradecem o suporte da agência.
2. O termo *self* não tem vocábulo correspondente em língua portuguesa, embora às vezes seja traduzido por “si-mesmo”. Os estudos sobre a temática do *self* e *selfhood* (traduzido às vezes por “pessoalidade”) envolvem a problemática do conhecimento de si, isto é, dos processos que levam a pessoa a saber quem é, especialmente, o modo como lida, simultaneamente, com a permanência e a mudança, com a unidade e a fragmentação. Neste trabalho optamos por manter o termo *self* no original e exploramos seu caráter narrativo e dialógico, a partir da tradição bakhtiniana.
3. Freitas (2006, p.135) explica que “enquanto a palavra e a sentença são uma unidade da linguagem, o enunciado é uma unidade da comunicação discursiva”, porém nesse artigo utilizamos o termo ‘palavra’ como sinônimo à enunciado, diferenciando portanto do sentido meramente lingüístico. Tal decisão se deu por trabalharmos com textos traduzidos de Bakhtin, com essa terminologia.
4. Sobre esse contexto extraverbal, Freitas (2006) aponta três aspectos que dão sustentação e sentido a qualquer enunciado: o “horizonte espacial comum aos interlocutores; o conhecimento e a compreensão comum da situação pelos interlocutores; a avaliação comum da situação” (p.144).
5. *Gente Pobre* foi o primeiro romance de Dostoiévski, escrito em 1846.
6. *Memórias do Subsolo* é uma novela, publicada em 1864 e o seu herói é considerado por Bakhtin o primeiro herói-ideológico da

obra de Dostoiévski.

7. Gergen (1997) refere-se à saturação social como o estado social promovido pelas novas tecnologias contemporâneas que permitem, cada vez mais, a manutenção de relações diretas e indiretas com círculos mais vastos de indivíduos. Em suas palavras: “A saturação social nos proporciona uma multiplicidade de linguagens do eu incoerentes e desvinculadas. Para cada coisa que ‘sabemos com certeza’ sobre nós mesmos, se levantam ressonâncias que duvidam e até se burlam. Essa fragmentação das concepções do eu é consequência da multiplicidade de relações também incoerentes e desconectadas, que nos impulsionam em mil direções distintas, incitando-nos a desempenhar uma variedade tal de papéis que o conceito de ‘eu autêntico’, dotado de características reconhecíveis, se esfuma. E o eu plenamente saturado deixa de ser um eu.” (p.26)
8. Em seu método de análise narrativa, baseado parcialmente na teoria do self dialógico de Hermans, a autora identifica as variadas formas de auto-referenciação do narrador, que são compreendidas como posições identitárias dinâmicas e contingentes.
9. Nome fictício da jovem entrevistada. Essa informante participou da pesquisa “Projetos de vida em adolescentes egressos de medidas sócio-educativas” (2005), coordenado pela Profa. Idilva Germano (Departamento de Psicologia UFC). Número do protocolo de autorização do Comitê de Ética: COMEPE 110/05 de 29/04/05.
10. Optamos por reproduzir essa transcrição, relativamente longa, a fim de que o leitor possa acompanhar o fluxo do diálogo e as estratégias discursivas de cada parte. O trecho permite evidenciar o jogo de poder encarnado na situação da entrevista e observar como a narrativa autobiográfica é resultante da parceria entre as interlocutoras.

Referências

- Amorim, K. de S., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2008). Dialogismo e a investigação de processos desenvolvimentais humanos. *Paidéia*, 18(40), 235-250.

- Amorim, M. (2002). Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. *Cadernos de Pesquisa*, (116), 7-19.
- Amorim, M. (2003). A contribuição de Mikhail Bakhtin: A tripla articulação ética, estética e epistemológica. In M. T. A. Freitas, S. J. Souza & S. Kramer, *Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 11-25), São Paulo: Cortez.
- Apitzsch, U., & Siouti, I. (2007). *Biographical analysis as an interdisciplinary research perspective in the field of migration studies*. Recuperado em 10 maio 2009, da http://www.york.ac.uk/res/researchintegration/Integrative_Research_Methods/Apitzsch%20Biographical%20Analysis%20April%202007.pdf
- Bakhtin, M. (2008). *Problemas da Poética de Dostoiévski* (4a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1936).
- Barros, D. L. P. (1997). Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In Brait, B. (Org.), *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido* (pp. 27-36). Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Crossley, M. (2000). Narrative Psychology, trauma and the study of self/identity. *Theory Psychology*, 10 (4), 527-546.
- Bury, M. (1982). Chronic illness as biographical disruption. *Sociology of Health and Illness*, 4 (2), 167-182.
- Bury, M. (2001). Illness narratives: Fact or fiction? *Sociology of Health and Illness*, 23 (3), 263-285.
- Dahlet, P. (1997). Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In B. Brait (Org.), *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido* (pp. 59-87). Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- Frank, A. (2000). Illness and autobiographical work: dialogue as narrative destabilization. *Qualitative Sociology*, 23 (1), 135-156.
- Frank, A. (2005). What is dialogical research and why should we do it? *Qualitative health research*, 15 (7), 964-974.

- Freitas, M. T. de A. (2003). A perspectiva sócio-histórica: Uma visão humana da construção do conhecimento In M. T. A. Freitas, S. J. Souza & S. Kramer. *Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 11-25), São Paulo: Cortez.
- Freitas, M. T. de A. (2006). *Vygotsky e Bakhtin Psicologia e Educação: Um intertexto* (4a ed). São Paulo: Ática.
- Gergen, K. J. (1997). *El yo saturado: Dilemas de identidad en el mundo contemporáneo* (3a ed.). Barcelona, España: Paidós.
- Germano, I. M. P., & Serpa, F. A. da S. (2008). Narrativas autobiográficas de jovens em conflito com a lei. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60 (3), 9-22.
- Harré, R. (1998). *The singular self: An introduction to the psychology of personhood*. London: Sage.
- Hermans, H. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119 (1), 31-50.
- Hermans, H. J. M. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture Psychology*, 7 (3), 243-281.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G., & Van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47 (1), 23-33.
- Hydén, L. C. (1997). Illness and narrative. *Sociology of Health and Illness*, 19, 48-69.
- Jovchelovitch, S.; Bauer, M. (2002). A entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Org.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: Uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 427-436.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. & Vieira, A. O. M. (2006). Narrativas sobre a privação de liberdade e o desenvolvimento do self adolescente. *Educação e Pesquisa*, 32 (1), 67-83.

- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122.
- Murray, M. (2000). Levels of narrative analysis in Health Psychology. *Journal of health Psychology*, 5 (3), 337-347.
- Murray, M. (2008). Narrative psychology. In J. A. Smith, (Ed.). *Qualitative psychology: A practical guide to research methods* (pp. 111-132). Los Angeles, CA: Sage.
- Polkinghorne, D. E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Sarbin, T. R. (Ed.) (1986). *Narrative Psychology: The storied nature of human conduct*. Westport, CT: Praeger Publishers.
- Schütze, F. (1992a) Pressure and guilt: War experiences of a young German soldier and their biographical implications : Part 1. *International Sociology*, 7 (2), 187-208.
- Schütze, F. (1992b). Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications: Part 2, *International Sociology*, 7 (3), 347-367.
- Silva, A. P. S. da. (2003). *(Des)Continuidade no envolvimento com o crime: Construção de identidade narrativa de ex-infratores*. São Paulo: IBCCRIM.
- Smith, B., & Sparkes, A. C. (2008). Contrasting perspectives on narrating selves and identities: an invitation to dialogue. *Qualitative Research*, 8 (1), 5-35.

Recebido em 27 de junho de 2010

Aceito em 17 de julho de 2010

Revisado em 4 de agosto de 2010